
NO CENTRO DA PISTA DE DANÇA, IMPESSOAL E LIVRE EU ESTOU: LIGAÇÕES CORPORAIS ENTRE FILOSOFIA E LITERATURA

IN THE CENTER OF THE DANCE FLOOR, IMPERSONAL AND FREE I AM:
CORPORAL LINKS BETWEEN PHILOSOPHY AND LITERATURE

Terezinha Petrucia da Nóbrega¹

Resumo:

No presente artigo proponho-me a construir algumas reflexões sobre as relações entre filosofia e literatura, colocando-me no centro da pista de dança. É desse lugar, tornando-me impessoal e livre, que lanço algumas ideias sobre como as ligações corporais podem servir de referência para discutir as aproximações entre filosofia e literatura. A filosofia de Merleau-Ponty é a base dessas reflexões. Nesse sentido, apoio-me na sua compreensão de que o romance possibilita a instauração de mundos novos, pois ele recria a própria linguagem e possibilita-nos inventar novas formas de perceber o mundo e o outro. Sartre, Simone de Beauvoir e outros pensadores também se fazem presentes no texto, apontando os horizontes de nossas texturas sensíveis, na medida em nós estamos no mundo.

Palavras-chave: Dança; Filosofia; Literatura.

Abstract:

In this article I propose to build some reflections on the relationship between philosophy and literature, placing myself at the center of the dance floor. It is from this place, becoming impersonal and free, that I launch some ideas about how bodily connections can serve as a reference to discuss the approximations between philosophy and literature. Merleau-Ponty's philosophy is the basis of these reflections. In this sense, I rely on your understanding that the novel enables the establishment of new worlds, as it recreates language itself and enables us to invent new ways of perceiving the world and the other. Sartre, Simone de Beauvoir and other thinkers are also present in the text, pointing out the horizons of our sensitive textures, in so far as we are in the world.

Keywords: Dance; Philosophy; Literature.



¹ Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CNPq/PDE 201863/2020-0. E-mail: petrucia.nobrega@ufrn.br

Jamais poderia ter me apaixonado se não tivesse lido *Em busca do tempo perdido*, escreve a psicanalista Catherine Millot. Para Jean Starobinski, teórico da literatura, a história dos sentimentos e das mentalidades é largamente tributária das formas literárias nas quais se exprimem; bem como a literatura oferece um modelo de sua expressão. O romance por exemplo, apresenta-se como um espelho; bem como propicia uma educação da sensibilidade ao definir uma nova atenção a vida humana em sua experiência cotidiana, ampliando a percepção sobre seus detalhes, nuances, sutilezas. O livro e a leitura permitem tornar inteligível, desenovelando conflitos psíquicos, posto que podemos nos identificar com os personagens, compreender que não estamos sozinhos em uma determinada situação, oferecendo-nos referências éticas e permitindo a liberação do imaginário. O livro, a leitura permitem elaborar ou restaurar um espaço para a experiência subjetiva e intersubjetiva (Détambel, 2015).

Em *A Prosa do Mundo*, Merleau-Ponty (2014) afirma que no instante em que lemos um livro vivemos uma experiência de alteridade. Assim, “sou Stendhal ao lê-lo. As relações do leitor com o livro se assemelham aquela dos amores em que, no início, um dos dois dominava [...], mas logo tudo desaba [...] e o momento da expressão é aquele em que a relação se inverte, em que o livro toma posse do leitor [...]. Então, do livro a nós, haverá uma cumplicidade entre a fala e seu eco ou para usar um termo de Husserl sobre a percepção de outrem, haverá um acasalamento pela linguagem. Nesta atmosfera de entrega e devaneio, eu não saberia dizer quando precisamente o sol que se põe passou de sua luz branca à sua luz rosa, mas chega um momento que ele me ilumina de rosa; assim também não saberia dizer com precisão quando hesitei frente a minha liberdade na relação com o outro” (Merleau-Ponty, 2014, *passim*).

Em situações como estas, diz Merleau-Ponty (2014), na vida, em literatura ou em filosofia, ultrapassamos as palavras isoladas ou apoiadas em um significado já estabelecido, inaugurando-se um mundo novo. Trata-se da mesma transmutação que habita o escritor, o filósofo e o leitor, em uma operação expressiva de um sentido esparso da experiência vivida, encontrando as elipses, as elisões, as cesuras da conduta, inaugurando um estilo com uma significação oblíqua ou latente. Marx compreendeu essa técnica quando adotou Balzac. Dessa maneira, a filosofia nos ajuda a compreender, a elaborar o que sentimos no romance. Mas, o romance, antes de qualquer significação nos faz viver, pela sensibilidade, a experiência.

Enfim, é preciso ler e, como Sartre o diz muito bem, em o que é a literatura, neste encontro, a leitura pega fogo... meus pensamentos flamejam, não há nada mais no livro que me deixe indiferente. Recebo e dou nesse gesto de leitura: a experiências dos outros, as interrogações, as hesitações, as reticências das situações abertas (Sartre, 2015). É nesta direção, com este sentimento que apresento aspectos da leitura feita por Merleau-Ponty e por mim mesma, do Romance *A convidada*, escrito no final dos anos 1950 por Simone de Beauvoir, destacando o movimento ontológico do existir e da liberdade como movimento intencional, realçando a ligação entre filosofia e literatura.

Apoio-me também em Julia Kristeva e outras autoras como Maíra Guimarães, Márcia Regina Viana, Rafaela Marques que publicaram estudos a respeito do pensamento existencialista em Simone de Beauvoir e em Merleau-Ponty; bem como faço referência a Virginie Despentes e Paul B. Preciado, entre outras que de certa forma atualizam e deslocam o “romance existencial”, desvelando possibilidades e limites da autoexplicação, posto que nunca podemos nos conhecer inteiramente,

mas tão somente contar-nos, como advertia Simone de Beauvoir, em *A Força da idade* (Beauvoir, 2018).

Esses romances, crônicas, memórias e autobiografias configuram gêneros literários nos quais os acontecimentos marcantes, os encontros emocionantes, as rupturas dolorosas animam a reflexão filosófica, a autoanálise; auxiliando-nos a atravessar esses tempos obscuros nos quais estamos vivendo. Como *sapiens e demens*, seres de razão e de loucura precisamos conciliar a prosa do mundo e a poesia da existência, como nos sugere Edgar Morin e antes dele Freud para quem onde quer que tenha chegado, com sua ciência do inconsciente, um poeta já haverá passado.

Feita essa breve introdução, trago algumas questões que me interpelam na leitura do romance *A convidada*. No centro da pista de dança impessoal e livre estou. Impessoal? Sem sujeito? Anônima? Quem sou eu? Não pertenço a ninguém? Em uma relação, sou anfitriã ou convidada? Sou apenas uma expectadora de mim mesma? Como me relaciono com os outros? Sou capaz de amar e de ser amada? Como minha liberdade interfere na liberdade dos outros? Somos todos e cada um responsáveis por tudo e pelo todo? Como a moral condiciona nossas escolhas ou decisões? Temos um poder absoluto sobre nós mesmos ou sobre as coisas? Somos senhores e senhoras de nossos desejos? Essas e outras são questões atravessam o pensamento fenomenológico e existencial, ligando filosofia e literatura. Faço aqui um destaque para o pensamento de Merleau-Ponty, filósofo cuja obra é, como ele mesmo dizia, aparentada com a arte, com a literatura, com a pintura e mesmo com a psicanálise, estabelecendo assim uma nova maneira de praticar a filosofia.

No ensaio *O romance e a metafísica*, Merleau-Ponty examina a relação com o outrem, a liberdade, a condição feminina, a sexualidade, a moral no romance beauvariano. Em outros textos ele se dedicará a estabelecer relações entre a linguagem e a expressão como ocorre nos cursos do *Collège de France*, nos anos 1950: *O mundo sensível e o mundo da expressão*; *Pesquisas sobre o uso literário da linguagem*; *O problema da palavra*; ou ainda examinando a questão das nossas relações com o outrem, nas conferências pronunciadas no México e em Genebra no final dos anos 1940, tendo como pano de fundo a literatura, notadamente o romance (Merleau-Ponty, 1996; 2011; 2013; 2020)

Para este filósofo, a literatura mostra um fragmento de vida e busca mantê-lo contra o tempo, mostrando sua vibração, sua cor, sua forma, o segredo evocador, a força e a paixão de cada instante, situação ou acontecimento. Assim, na literatura ultrapassamos ou sublimamos a existência do outro: *No centro da pista de dança, impessoal e livre eu estou... contemplo de uma só vez todas essas vidas, todos esses rostos*, diz Françoise, personagem central do romance e uma espécie de autorretrato da própria Simone de Beauvoir.

Na modernidade da personagem Françoise, observada não apenas em sua vida social, mas sobremaneira em sua vida íntima, no relacionamento que mantém com Pierre e Xavière, por meio de um triângulo amoroso, percebemos o deslocamento de uma atitude conservadora no que tange aos contratos sociais, como o contrato matrimonial, por exemplo, para uma conciliação entre lealdade e liberdade, configurando-se assim como um dos temas vitais da fenomenologia e da filosofia francesa nos anos 1945 e 1950, ao enfatizar que a existência precede a essência. Isso posto afirma-se que ninguém nasce essencialmente bom ou mal, homem ou mulher mas nos tornamos bons ou maus, homens ou mulheres, etc. Trata-se ainda de uma filosofia que não se limita aos ensaios e obras filosóficas, mas que

dialoga intensamente com as experiências vividas dos sujeitos e na qual a literatura ensina a pensar e, sobretudo, a imaginar e criar novas possibilidades expressivas para a existência.

De acordo com Merleau-Ponty, por meio do romance podemos fazer falar a experiência do mundo, destacando os ganhos que este gênero aporta para a filosofia posto que a consciência escapa no mundo e, portanto, o filósofo não chega a uma transparência perfeita do conceito ou da representação. Nesse sentido, a expressão filosófica assume as mesmas ambiguidades e desvios que a expressão literária. Na literatura, o escritor desvia os signos de seu sentido ordinário, realiza uma torção secreta nas palavras, restituindo a sensibilidade como processo de expressão vinculado ao imaginário para revelar uma vida animada e sublimada nos personagens literários. Tal movimento configura para Merleau-Ponty uma linguagem apropriada para sua filosofia.

Nesse contexto, uma filosofia fenomenológica ou existencial se dá por tarefa, não uma explicação do mundo ou a descoberta de suas “condições de possibilidade”, mas sim uma formulação da experiência do mundo, um contato com o mundo que precede todo o pensamento *sobre* este mundo. Com efeito, Merleau-Ponty (2013) formula uma possibilidade de ver na palavra em geral e em seu uso literário, a expressão do ser no mundo, ampliando o sentido da linguagem nesta tentativa de fazer falar a experiência sensível. Para ele, a obra de um grande romancista sempre porta duas ou três ideias filosóficas. Seja por exemplo o eu e a liberdade em Stendhal; o mistério da história como aparência de um sentido no acaso dos acontecimentos, em Balzac; o envolvimento do passado no presente e a presença do tempo perdido, em Proust. Neste sentido, a função do escritor não seria apenas tematizar essas ideias, mas de fazê-las existir diante de nós, tornando-as presentes.

Sublinhamos que a obra literária acompanha a filosofia de Merleau-Ponty de ponta a ponta. O filósofo investe na capacidade que a literatura tem de recriar a própria linguagem, retirando-nos dos nossos hábitos, transformando nossa maneira de ver, nossa sensibilidade, nosso estilo. Assim, a literatura oferece a textura de nossa experiência como ser no mundo. Todavia, ressaltamos que a palavra de Merleau-Ponty não é literária, mas filosófica; sendo ainda uma contestação da dicotomia entre o mundo sensível e o mundo inteligível, a ideia e a sensibilidade, a liberdade e o engajamento (Merleau-Ponty, 2020).

Sobre esse fundo, reconhecemos na literatura uma palavra viva que anima a experiência da reflexão filosófica, fazendo existir um universo para o leitor, criando sentidos, testemunhos; sendo uma expressão criadora da experiência. Dessa maneira, a literatura nos possibilita a coexistência do diverso no interior de nossas vidas, metamorfoseando o prosaico da experiência em um sentido expressivo de nossos projetos, sentimentos, valores, conflitos, angústias, desejos, intenções. A literatura é, portanto, recriação do mundo e de nós mesmos. Ela nos dá a ver, engendrando o real pela experiência vivida, afirma Merleau-Ponty no curso sobre *A Palavra* (Merleau-Ponty, 2020, p. 16)

A literatura nos oferece a perspectiva da intersubjetividade no centro mesmo da nossa subjetividade, aprofundando nossa compreensão em um processo de diferenciação interna, metamorfose e criação de sentidos ontológicos. Merleau-Ponty pensa a literatura como redução fenomenológica, sendo uma maneira de apreender o sentido em seu estado nascente, de descrever a experiência, de elaborar sentidos e de ressignificar a existência: individual e coletiva.

O filósofo irá examinar esse potencial expressivo da literatura em vários momentos de sua obra. No ensaio *o Homem e a adversidade*, Merleau-Ponty (1991) afirma que “ com Proust e Gide começa um relato incansável do corpo; assim como em Paul Valéry a consciência do corpo é inevitavelmente obsessão dos outros, pois o que me falta é esse eu que tu vês. Esses temas compõem o pensamento do filósofo a respeito das ligações entre filosofia e literatura. Nesse movimento, a linguagem deixa de ser uma serva das significações e a operação expressiva do escritor ganha novo impulso, libertando-se dos constrangimentos de uma separação brutal entre o real e o imaginário ou entre a sensibilidade e a razão.

Enfocarei a partir de agora aspectos do Romance *A convidada* (Beauvoir, 1985), em direção à compreensão do movimento do existir como movimento ontológico na filosofia de Merleau-Ponty. Tal movimento também se desdobra em questões contemporâneas relativas à condição feminina, ao amor, à moral e à liberdade.

Vamos ao Romance

A Convidada, publicado em 1956, retrata o cotidiano de um triângulo amoroso: Françoise, Xavière e Pierre. A história é ambientada em teatros, cafés, boates que expressam a vida parisiense em um período anterior à Ocupação Alemã (1939-1945). Os Personagens deste romance remetem a própria vida e a relação de Sartre e Simone de Beauvoir, como podemos compreender nas memórias publicadas da escritora e filósofa francesa, por exemplo em *A Cerimônia do Adeus* (Beauvoir, 2015).

A personagem central, Françoise, é uma escritora famosa que mantém uma relação com Pierre, ator. Trata-se de uma relação aberta, assim como aquela que mantém a própria Simone de Beauvoir com Jean Paul Sartre. Pierre dá aulas de interpretação para a jovem Xavière, amiga íntima de Françoise. A presença da jovem faz perceber que eles não eram um só, como Françoise imaginava. No desenrolar do romance percebemos que o equilíbrio desse triângulo é abalado pelo ciúme e por uma certa dependência que leva a um desfecho trágico. Françoise resolve lutar por sua existência: para se tornar livre, ela decide matar Xavière; deixando o gás da cozinha do apartamento da jovem aberto, responsabilizando-se inteiramente por seu ato.

Maira Guimarães ressalta que no romance *A convidada*, essa ideia de liberdade se refere ao trabalho, as escolhas e ao compromisso com seu desejo, posto que Françoise é uma mulher independente, admirada profissionalmente, rodeada de amigos, realizada emocionalmente. Percebe-se assim um deslocamento da figura feminina para o imaginário da época em sua atitude de contestação face aos valores burgueses e a condição social e familiar da mulher.

Anfitriã e convidada são retratadas na obra como duas personalidades opostas, com valores morais e éticos distintos. A morte de Xavière representa moral e eticamente a morte de uma concepção do feminino pautada na acomodação a valores burgueses, tais como o matrimônio ou a monogamia. Simone de Beauvoir apresenta uma leitura bastante pertinente do pensamento existencialista neste romance que diz respeito à construção de um *ethos* de Françoise e da condição feminina, na perspectiva da liberdade social da mulher, livre para escolher o que quer ser (Guimarães, 2017). Tema aliás bastante atual sobre a condição feminina e de forma mais ampla para a comunidade LGBTQI (Marques, 2019), como

percebemos na literatura contemporânea que de certa forma atualiza o romance existencial e as questões tematizadas pela filósofa francesa em sua época.

Os personagens de *A convidada* dão vida a análise existencial, notadamente no que concerne a relação com o outrem. Em um dos trechos do romance lemos: Quando Pierre falava, quando levantava a mão, suas atitudes, suas entonações pertenciam tanto a sua própria vida como a de Françoise ou *antes*: “existia apenas uma vida e, em seu âmago, um ser do qual não podemos chamar ele ou eu, mas apenas nós” (Beauvoir, 1985, p. 59). Mas, essa fusão seria possível?

Nunca posso saber do outro como sei a mim mesmo, diz Merleau-Ponty e mesmo a consciência que tenho de mim mesmo e do corpo são escorregadias. O pensamento do outro nunca é para nós inteiramente um pensamento. Há uma invasão intencional, um outro comportamento que me aparece. “Nunca poderei rigorosamente pensar o pensamento do outro: posso pensar que ele pensa”. Com essa perspectiva entramos no campo das intencionalidades, em que sínteses, motivações e os sentidos do *alter-ego* se anunciam e se confirmam em mim. “Como, de outro modo senão interrogando-as, eu poderia explicitar, em todos os seus aspectos, o sentido “do outro”?” (Husserl, 2000, p. 128-129).

Merleau-Ponty chama a atenção para o fato que essa percepção do outro é mais resistente. Pois se outro existe, se ele é também uma consciência, eu devo consentir a ser para ele apenas um objeto finito, determinado, visível em certo lugar do mundo. Se ele é consciência, é preciso que eu cesse de ser. Ora, como eu poderia esquecer essa certificação íntima de minha existência, esse contato comigo mesmo? Sabemos que para uma filosofia fenomenológica a perspectiva do eu se encontra com a alteridade, por isso a aproximação com o imaginário da literatura apresenta-se com uma abertura a novas explorações do pensamento, da existência subjetiva e da intersubjetividade.

No romance *A Convidada*, Beauvoir explora essa inquietante existência do outro. Françoise e Pierre estabeleceram entre eles uma tal sinceridade e construíram uma relação na qual eles podem permanecer juntos mesmo quando vivem separadamente, permanecendo livres em sua união: “ Havia somente uma vida e em seu centro um ser do qual não podemos dizer nem ele nem eu, mas somente nós”, afirma Françoise.

Merleau-Ponty destaca que Françoise encontra-se aprisionada a esse amor por Pierre, ela não se sente livre para amar Gerbert, outro personagem do romance; então, como poderia deixar Pierre livre para amar outras mulheres? Pierre e Françoise parecem ser capturados um pelo outro, razão pela qual Françoise recua diante de um amor com Gerbert e procura a ternura de Xavière. Na relação com a jovem provinciana, recém chegada de Rouen, “o que parece encantar Françoise é uma espécie de possessão: os gestos de Xavière, sua figura, sua vida teriam necessidade de Françoise para existir”. Dessa forma, observa Merleau-Ponty, o outro é sempre admitido entre Françoise e Pierre à título de convidado.

Françoise conseguiria permanecer junto de Pierre em sua paixão ciumenta por Xavière? Não. O trio fracassará. Mas, por que um trio? Indaga Merleau-Ponty. Para o filósofo aquele que ama, ama *alguém* e não *qualidades isoladas; bem como* o ser amado quer se sentir reconhecido em sua existência. Eu não amaria alguém se não fosse com a esperança de ser reconhecido por ele, e, no entanto, esse reconhecimento conta somente se ocorrer de forma livre. A presença de um terceiro, justamente se ele é amado também, introduz um pensamento de alteridade. O trio só existiria verdadeiramente somente se não pudéssemos mais distinguir, e

enfim eles vivessem a três, ao invés de viver dois a dois, em cumplicidade alternadas – o que hoje poderíamos chamar de poliamor; esse viver a três e não em cumplicidades alternadas.

Embora, no Romance, cada pensamento, cada episódio do dia, cada sentimento fosse comunicado e partilhado entre Françoise e Pierre. Havia sempre uma dúvida a respeito da verdade das descrições que angustiava sobremaneira Françoise. Com a entrada de Xavière na relação, esta passou a desconfiar dos sentimentos de Pierre: as mulheres que ele “ama” existem para ele? Suas “histórias” com estas outras mulheres seriam verdadeiras, assim como a história vivida apenas com ela? A dúvida a angustiava a tal ponto que a resolução do conflito só poderia ocorrer por uma escolha, simbolizada no romance pelo desfecho trágico da morte da convidada.

Seguindo a intencionalidade fenomenológica, Merleau-Ponty pondera que o casal humano não é uma realidade *natural*. Por isso mesmo, o fracasso do trio (como o sucesso de um casal) não pode ser colocado como resultado de alguma predisposição natural. No caso do Romance *A convidada*, esse fracasso, seria necessário atribuí-lo aos defeitos de Xavière? Ela é ciumenta, ela tem ciúme de Pierre, ciúme de Françoise, ciúme dos olhares que eles têm para os amigos. Ela é perversa e emprega estratégias para “ver o que acontecerá”. Ela é egoísta, ou seja, ela não se deixa jamais e não vive jamais no outro: “Xavière não procura o prazer do outro; ela se encanta egoisticamente do prazer de dar prazer”. Ela não se presta ou não se doa a nenhum projeto, ela não aceita trabalhar para tornar-se atriz ou não é capaz de atravessar Paris para ver o filme com os amigos, ela não sacrifica jamais o imediato, ela não sai jamais do instante, ela adere sempre ao que ela aprova. Vivemos ao lado dela, não vivemos com ela. Ela permanece fixa sobre si mesma fechada sobre esse estado de alma no qual jamais saberemos ter a verdade, no qual talvez não haja nenhuma verdade, sintetiza Merleau-Ponty.

Merleau-Ponty (1996) destaca ainda a questão da moral tal como se apresenta no romance. Para ele, o que não suportamos em Pierre e em Françoise, é uma certa desaprovação ingênua da moral, é esse ar de franqueza e juventude, essa falta absoluta de importância, de vertigem e de remorso, é em uma palavra, que eles pensam como agem e agem como pensam, como se fosse possível essa idealidade da consciência ou essa fusão existencial. Para ele, ante a situação dos três personagens de *A convidada*, faremos bem em remarcar a boa fé, a fidelidade as promessas, o respeito ao outro, a generosidade, a seriedade dos propósitos posto que esses valores estão presentes na perspectiva da existência que consiste em ser ativamente o que nós somos, para estabelecer essa comunicação com o outro e com nós mesmos da qual nossa liberdade é somente o esboço; fazendo-se necessário considerar a tensão e a adversidade na relação com outrem.

Para Kristeva (2019), de Madame de Stael a Colette e a História de O, o romance feminino não cessa de colocar em cena a dificuldade do casal burguês. Desde *A convidada*, é o ciúme que parece ser o foco principal; assim como o tema do íntimo, da moral e do político sob o fluxo da história. Para Kristeva, Beauvoir não contesta Sartre abertamente, ela se mantém ao lado dele, protegendo-o e seguindo seu próprio caminho.

Com Beauvoir, o romance constitui um ato de afirmação existencial pelo qual o insuportável do íntimo se transforma em desafio político, notadamente na questão da sexualidade, do feminino e do engajamento intelectual. Assim, foi pelo caminho do romance que Simone de Beauvoir manifestou uma faceta capaz de produzir

deslocamentos em um filosofia política da liberdade no microcosmo do íntimo. Para Kristeva (2019), a liberdade do desejo em *A Convidada* é paga com a morte do próximo, com a morte da mulher e com a morte do casal - como ocorre também no romance *O sangue dos outros* (Beauvoir, 1984). Assim urdido, o romance de Beauvoir apresenta-se como uma reconstrução de si, uma autoanálise e mesmo uma mensagem social que faz parte da obra da grande intelectual, indissociável de seu pensamento filosófico, incluindo as ligações entre filosofia e literatura. Esses aspectos são realçados por Merleau-Ponty na construção de uma nova maneira de filosofar. De fato, como atenta Kristeva (2019), embora a própria concepção da sexualidade feminina, em *O segundo sexo* e nos romances de Simone de Beauvoir, esteja mais próxima de Merleau-Ponty, a filósofa não hesita em clamar sua preferência por Sartre e pela obra *O ser e o Nada* (Kristeva, 2019).

Para finalizar destacamos da análise feita por Merleau-Ponty o movimento do existir e da liberdade como projeto intencional e realidade ontológica. Para ele, precisamos sair da alternativa clássica do ser em si e do ser para si, admitindo a ambiguidade e a adversidade do ser para outrem. O filósofo reconhece que o mundo é feito de tal forma que nossas ações mudam de sentido no movimento intencional da existência, ou seja, saindo de nós e se desenvolvendo fora de nós, no mundo e por meio das relações que estabelecemos com os outros. Assim, por exemplo, a forma como nos vemos em geral difere do modo como nos veem e no entanto, a contingência fundamental de nossa vida faz com que nós nos sintamos e nos percebamos melhor na relação que temos com outrem. Tal aspecto configura o cerne de uma análise fenomenológico-existencial, sublinhando a percepção do movimento ambíguo da existência, que se passa, simultaneamente, dentro de nós e fora de nós, no movimento ontológico do existir, marcado, por sua vez, pela intersubjetividade.

Desta condição intersubjetiva, desdobra-se a questão da liberdade. É verdade que nós permanecemos livres para recusar e aceitar a vida. Porém, aceitando-a nós assumimos as situações de fato - nosso corpo, nosso rosto, nossa maneira de ser, nosso desejo, nossas escolhas -, nós tomamos nossas responsabilidades e assinamos um contrato com o mundo. Já na Fenomenologia da Percepção, Merleau-Ponty ultrapassa a atitude racionalista que compreende que ou o ato livre é possível ou não é. Para ele, “nossa liberdade não destrói nossa situação, mas se engrena a ela: nossa situação, enquanto vivemos, é aberta” (Merleau-Ponty, 1994, p. 592). A liberdade é pois considerada em situação, estando ligada a nosso poder de interromper aquilo que se encontra no tempo e no espaço, de não retomar o que já está representado no mundo, de recusar de se alimentar de certos pensamentos. “Agir é assim interromper um movimento e nos destacar de certos elementos do mundo para nos fixar a outros” (Merleau-Ponty, 1994, p. 95).

Merleau-Ponty está longe de ser um pensador irênico, formulando um pensamento da integração que anula as diferenças. Ao contrário, para ele, a história e a vida em comum são trágicas: não somos compreendidos ou vistos pelos outros como nos vemos a nós mesmos. No movimento intencional do existir há uma abertura e criação de possibilidades intersubjetivas para o exercício da liberdade. Neste movimento, observa-se uma tensão ou uma intenção posto que nós agimos no seio de comunidades já estabelecidas (de seres, de ações, governo, família, cultura, sociedade). Assim, a adversidade não cessa e as relações nos interpelam como percebemos nos personagens de *A Convidada* em movimentos existenciais que são movimentos ontológicos intencionais e intersubjetivos. Assim, a liberdade é

sempre uma retomada criadora de nós mesmos e de nossa capacidade de ressignificar o mundo e nossa maneira de viver e de nos relacionarmos.

O romance existencial realça, portanto, a ligação entre filosofia e literatura, destacando-se a experiência intersubjetiva, a intencionalidade de nossas escolhas e o horizonte de nossos desejos e de nossa liberdade. Compreendemos que as questões levantadas por Simone de Beauvoir se atualizam na literatura e na filosofia contemporânea. Por exemplo, Preciado (2020) faz referência ao turbante de Simone de Beauvoir para se referir a sua contribuição nesse movimento dos estudos filosóficos, estéticos e literários sobre gênero e outras experiências existenciais. Assim, o turbante de Beauvoir configura uma técnica de travestismo que marca e teatraliza a feminilidade burguesa heterossexual na rechaça das instituições do matrimônio e da monogamia, em sua crítica da maternidade como última legitimação política do corpo feminino, em suas relações lésbicas e no uso de práticas consideradas até então masculinas como a filosofia e a política.

De fato, a obra de Simone de Beauvoir foi capaz de promover a liberdade existencial das mulheres no cerne de um contexto histórico preciso, criando deslocamentos do feminino, do trabalho, do corpo, da sexualidade. Para isso, ela remaneja o próprio discurso fenomenológico-existencialista com empréstimos de diversos discursos libertários, entre eles os advindos da literatura. Penso aqui na obra de Clarice Lispector, Hilda Hest, Virginia Wolf, Margaret Atwood, que nos encorajam de diversas maneiras a viver uma “vida sem tempos mortos”, parafraseando a própria Simone de Beauvoir, atentas e atentos a nossa falta de imaginação que sempre despovoava o futuro. Estas e outras referências confirmam as ligações corporais, posto que expressivas, entre filosofia e literatura como possibilidade para inventarmos, face aos nossos medos, dúvidas, anseios, reticências, novas maneiras de viver, de imaginar e de formular uma experiência do mundo de maneira crítica e sensível em diferentes domínios de nossa existência: do íntimo ao político, da natureza à afetividade, da necessidade à contingência, do desamparo à confiança no outro e a ultrapassagem dos binarismos de toda ordem.

Essa atitude singular pode ser percebida na obra *Um teto todo seu*, na qual Virginia Wolf discute em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento. Ela diz que “a vida para ambos os sexos é árdua, difícil, uma luta perpétua. Requer coragem e forças gigantescas. Mais que qualquer coisa, criaturas de ilusão como somos, ela requer confiança em si mesmo. Sem autoconfiança, somos bebês no berço” (Wolf, 2014, p. 53). Frente ao desamparo, a imaginação nos oferece um horizonte, um teto, um lugar.

Em Simone de Beauvoir, ambos os sexos se representa o drama do corpo e da mente, da finitude e da transcendência; ambos são corroídos pelo tempo, vigiados pela morte, têm a mesma necessidade essencial do outro e podem tirar de sua liberdade a mesma glória. Assim como já fizera Merleau-Ponty, Julia Kristeva atesta a grande coragem e honestidade intelectual de Simone de Beauvoir, reconhecendo que em suas obras, em seus personagens, em suas memórias ela desfruta do pensar, ela se questiona de maneira incansável, ela se apaixona, ela se mostra em sua sensibilidade. De acordo com Kristeva (2019), nestes tempos obscuros que atravessamos, esse gênero híbrido, no qual Simone de Beauvoir arriscou sua intimidade, não apenas remonta às origens do romance como texto dialógico e polifônico, mas cria uma nova possibilidade reflexiva. Assim, foi pelo caminho da

ficção, dos dizeres parciais, de seus deslocamentos que ela encarnou uma filosofia política da liberdade que permanece única.

Gostaria de finalizar com a leitura de um trecho da peça *Viver sem tempos mortos*, inspirada na correspondência de Simone Beauvoir e Jean-Paul Sartre. A peça, dirigida por Felipe Hirsch, foi protagonizada por Fernanda Montenegro:

[...] Não mais me deitar no feno perfumado ou deslizar na neve deserta.
Onde eu exatamente me encontro?
O que me surpreende é a impressão de não ter envelhecido, embora eu esteja instalada na velhice.
O tempo é irrealizável.
Provisoriamente o tempo parou para mim.
Provisoriamente.

Mas, eu não ignoro as ameaças que o futuro encerra, como também não ignoro que é o meu passado que define a minha abertura para o futuro.

O meu passado é a referência que me projeta e que eu devo ultrapassar. Portanto, ao meu passado, eu devo o meu saber e a minha ignorância, as minhas necessidades, as minhas relações, a minha cultura e o meu corpo.

Hoje, que espaço o meu passado deixa para a minha liberdade hoje? Não sou escrava dele.

O que eu sempre quis foi comunicar unicamente da maneira mais direta o sabor da minha vida. Unicamente o sabor da minha vida.

Acredito que eu consegui fazê-lo.

Vivi num mundo de homens, guardando em mim o melhor da minha feminilidade.

Não desejei e nem desejei nada mais do que viver sem tempos mortos.
[...].

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O sangue dos outros**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, Simone. **A convidada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone. **A cerimônia do Adeus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **A força da idade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

DETAMBEL, Régine. **Les livres prennent soins de nous**: Paris: Actes Sud, 2015.

GUIMARÃES, Maira. O pensamento existencialista no romance *A convidada* de Simone de Beauvoir. **Revista Versalete**, v.5, n.8, p.181-198, 2017.

HUSSERL, Edmund. **Méditations cartésiennes**. Paris: Vrin, 2000.

LACONIN, Élisabeth. **Zazá**: Correspondance et carnets d'Elizabeth Lacoïn (1914-1929). Paris : Seuil, 1991

MARQUES, Rafaela. Corpo e liberdade : possibilidade, condição e ambiguidade. **Voluntas**: Revista Internacional de Filosofia, v. 10, n.1, p.5-17, 2019.

MELANÇON, Jérôme. **La politique dans l'adversité** : Merleau-ponty aux marges de la philosophie. Genève : Métis Presses, 2018.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sens**. Paris: Gallimard, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le monde sensible et le monde de l'expression. Cours au Collège de France, Notes 1953**. Genève: Metis Presses, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Recherches sur l'usage littéraire du langage. Cours au Collège de France, Notes 1953**. Genève: Metis Presses, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Le problème de la parole. Cours au Collège de France, Notes 1953-1954**. Genève: Metis Presses, 2020.

KRISTEVA, Julia. **Beauvoir presente**. São Paulo: SESC, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: crônicas da travessia. Rio de Janeiro: 2020.

SAINT AUBERT, E. **Du lien des êtres aux éléments de l'être** : Merleau-Ponty au tournant des années 1945-1951. Paris : Vrin, 2014.

SARTRE, Jean-Paul. **O que é a literatura**. Petrópolis: Vozes, 2015.

VIANA, Marcia. Liberdade e existência: os movimentos do existir em Simone de Beauvoir. **Revista de estudos filosóficos**, n.5, p. 118-129, 2010.

WOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 06/2023
Aprovado em: 08/2023